



## NIETZSCHE, A MULHER E O FEMININO: Considerações acerca do espírito livre nas relações de gênero

Cléberton L.G Barboza\*  
Vanuza S. Silva\*\*

### RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de analisar, na obra do filósofo Friedrich Nietzsche, o papel do feminino na concepção de espírito livre, de modo a entender na figura da mulher emancipada dos preconceitos morais àquilo ao qual o referido filósofo reservara somente aos homens, isto é, o próprio espírito livre. Através da ambígua relação entre a misoginia e o machismo de seu século – do qual o próprio Nietzsche não escapou – e seu pensamento direcionado à ruptura, a transvaloração dos valores, buscamos aqui expor como a filosofia de Nietzsche se atrela às relações de gênero, encontrando antes no feminino que no masculino, um esboço do Übermensch.

**Palavras-chave:** Gênero. Nietzsche. Mulher. Feminino. Espírito livre.

### INTRODUÇÃO

Há de se admitir a misoginia pessoal de Nietzsche, considerando a própria misoginia de seu tempo – o século XIX, cuja ciência primava pela classificação, enquadramento, controle dos corpos; criando verdades, lugares e identidades específicas para loucos, criminosos, doentes, e, claro, mulheres. Mas, de fato, é muito tentador pensar que a filosofia de Nietzsche, pelo contrário, funciona como impulso para a transvaloração da mulher, para sua recriação enquanto vontade, posto que o filósofo se rebelou contra a ciência de seu tempo, vivendo um conflito onde ele próprio não escapou completamente dos preconceitos de seu século, de forma que, não raro, encontrarmos em seus escritos afirmações negativas sobre as mulheres.

---

\* Cléberton Luiz Gomes Barboza; graduando em História pela Universidade federal de Alagoas-UFAL, Campus Sertão.

\*\* Vanuza Souza Silva: doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.



Em um primeiro momento, a análise será conduzida de modo a compreender a aparente contradição entre a misoginia de Nietzsche e os aspectos de sua filosofia, voltada para a liberdade absoluta, a ruptura com os valores e o abandono de todos os preconceitos, o que leva a uma postura obviamente anti-machista, que rejeita qualquer traço de misoginia. Para tanto será necessário considerar até que ponto a misoginia afetou seu pensamento, até que ponto seus comentários acerca das mulheres se entrelaçam com o cerne de sua filosofia, e até que ponto eles podem simplesmente ser considerados como comentários desvinculados do teor filosófico característico de seu pensar, denotando uma misoginia pessoal, não filosófica, por assim dizer.

Em um segundo momento cabe analisar como seu pensamento dispõe e se dispõe ao feminino, objetivando elucidar ou colocar o feminino como eixo central no pensamento nietzschiano, de modo a confrontar e entrelaçar a mulher e o feminino, sua correspondência, não esquecendo a misoginia de Nietzsche. Se o masculino leva ao nihilismo e o feminino à arte, conhecemos a opção nietzschiana pelo feminino. Mas até que ponto ele exclui a mulher do feminino?

Por fim, as considerações finais, voltadas a um olhar nietzschiano fora da misoginia, isto é, sugerir uma reinterpretação de seu pensamento descartando o viés pessoal de seus preconceitos, perspectiva esta que pode se tornar valiosa para repensar a mulher de modo a contribuir para sua emancipação dos preconceitos morais.

## 1. Misoginia

Nietzsche escreve: “A mulher é considerada profunda – por quê? Porque nela jamais se chega ao fundo. A mulher não é sequer superficial”<sup>1</sup>; “ se a mulher tem virtudes masculinas, há que fugir dela; se não tem virtudes masculinas, ela mesma foge”<sup>2</sup>, “comparando no todo o homem e a mulher, podemos dizer: a mulher não teria o gênio para o ornamento, não tivesse o instinto para o *papel secundário*”<sup>3</sup> O aparente tom machista, delegando virtudes masculinas como algo velado e

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, F.W – Crepúsculo dos Ídolos; Máximas e Flechas, aforismo 27; pág. 13

<sup>2</sup> IDEM; aforismo 28; pág. 14

<sup>3</sup> NIETZSCHE, F.W – Além do Bem e do Mal; máximas e interlúdios, aforismo 145, p.70



indesejável nas mulheres, é apenas um exemplo da misoginia do filósofo, um exemplo leve, considerando outras afirmações que se dispõem ao longo de sua obra.

Mas, em outras passagens, o perspectivismo típico do filósofo demonstra-se revelador da condição em que a mulher foi “posta” na sociedade: “O homem criou a mulher – mas de quê? De uma costela de seu Deus – de seu ‘ideal’...”<sup>4</sup>. Seria ingenuidade tomar essa afirmação como sentença machista, aliás, é o contrário que deve ser considerado.

De todo modo, há um abismo, no que toca as mulheres e o feminino, entre a figura, o sujeito, a pessoa Nietzsche, onde de fato encontramos traços de preconceito contra as mulheres (por mais que este tenha se colocado e tenha sido a medida do possível um imoralista, portanto rejeitando os preconceitos morais), seja pela relação conturbada com sua mãe e sua irmã, ou mesmo as rejeições de sua amada, Lou Salomé – tendo na decepção o seu fim (o que, por outro lado não justifica as passagens misóginas em seus textos, posto que um filósofo deveria separar sua filosofia de suas opiniões pessoais), e sua filosofia, que, ao contrário, faz jus ao imoralismo pregado pelo filósofo. Em Nietzsche, os preconceitos morais não se sustentam, constatação que o próprio filósofo sentiria de seus preconceitos.

Perante a temática ‘Nietzsche e as mulheres’, há duas atitudes fundamentais a tomar: ou se afirma simplesmente que ele era misógino, encerrando-se aí o assunto, ou percebe-se, de facto, que os seus comentários sobre as mulheres são tão abundantes e tão relacionados com questões centrais da sua filosofia que encerrar dogmaticamente Nietzsche na misoginia impede de se perceber melhor as dobras do seu pensamento.<sup>5</sup>

De fato, se é inegável um ar machista emanado de Nietzsche, ao passo que é também inegável a ruptura com todos os preconceitos promovida por ele, o entrelaçamento entre o filósofo e sua filosofia pode conter tons obscuros; ele imprimiu a si mesmo e suas contradições em sua obra, afinal, “que tenho eu com a verdade?”, dizia...

Diferentemente de Schopenhauer, cujo ódio declarado, o teor idealista e moralista predominante, cunhavam uma misoginia extrema, em Nietzsche percebemos as interrogações que suas próprias idéias colocam em suas afirmações

<sup>4</sup> NIETZSCHE, F.W.; Crepúsculo dos Ídolos; Máximas e Flechas, aforismo 13; pág. 11

<sup>5</sup> SANTOS, Laura Ferreira dos; Leituras Feministas de Nietzsche; pág. 14



acerca das mulheres. Nietzsche promove uma ruptura com as idéias de essência e fundamento. E nesse aspecto, com a dissolução da verdade, tanto o conceito de homem como de mulher se dissolvem, nada está fixo, tudo é devir. Como então Nietzsche pode firmar uma imagem preconceituosa sobre a mulher? Será lícito afirmar que, em Nietzsche, os comentários sobre a mulher não tenham a pretensão de fundar uma concepção fixa de mulher ou, no mínimo, tendo plena consciência de que faz interpretações? Quando Schopenhauer diz que “a mulher é um animal de cabelos longos e idéias curtas”, ou mesmo quando é mais sutil, “a mulher é o mais belo efeito da natureza”; a mulher é vista como animal, efeito da natureza, natureza que está abaixo do homem, pois o homem é algo de superior, a mulher não faz parte do reino dos homens, deve se submeter ao homem, e outros ‘deves’, e outros ‘és’, pois... Schopenhauer está atrelado à ideia de essência, ao idealismo; há para ele algo de fixo, e escrever tais frases sob seu contexto de pensamento revela um moralismo cruel, fixando, para a mulher, um ser seu: ela é um animal inferior. Quando Schopenhauer diz tais frases, ele acredita nelas, como verdades absolutas!

O abismo entre o sujeito e a coisa, para Nietzsche, exprime uma tipologia das culturas, revelada através de uma análise filológica.

(...) este termo [filologia] está investido de um valor metafórico e designa a arte da leitura, essa arte de ler bem que Nietzsche entende estar em primeiro lugar no seu trabalho de filósofo.<sup>6</sup>

Eis o trabalho de ler filologicamente as culturas; o filósofo filólogo não deixa de olhar com estranhamento a nomeação do mundo, que se expande na criação de significados através dos próprios nomes. Nomear é dominar, e frente a isso, a ideia de vontade de poder, um dos pontos centrais do pensamento nietzschiano, irá se expor no embate de forças, de forma mesmo a assimilar a realidade.

O resultado não é outro, a fundação do homem, da sociedade, os valores morais, os rótulos sociais. A organização do mundo humano se deu por um processo de violência, um choque de poderes cujo desfecho é a domesticação do homem, que deve obedecer os códigos de conduta criados e o comportamento permitido na ordem social. Todo ideal de sociedade reproduz uma agressão aos instintos, um “tu deves”, como dizia Nietzsche. A mulher, pois, não escapa a essa violência, por sinal

---

<sup>6</sup> WOTLING, Patrick – Nietzsche e o Problema da Civilização; a filologia como metáfora fundamental; p.71





mulheres são especialistas alegrem e distraem o homem dos seus assuntos mais sérios ou pesados. Portanto, é preciso que, este animal feroz que é a mulher, com garras de tigre sobre luvas, perigosa e bela ao mesmo tempo, não perca o temor do homem e não perca os 'dons' que a natureza lhe deu para conseguir sobreviver melhor num mundo dominado por homens.<sup>8</sup>

A esse respeito cabe destacar o ponto 239 de *Além do Bem e do Mal* – bem como seus precedentes, do 232 ao 238 –, onde o filósofo defende precisamente as referidas ideias. Aliás, Nietzsche unirá neste ponto a questão da mulher à sua visão não menos negativa da democracia. Para Nietzsche, o espírito da democracia, promovendo igualdade para todos, seria um símbolo da decadência européia; a igualdade, massificante, unida a indústria e os ideais de progresso, empobreceriam a cultura e os instintos saudáveis do homem, para, além disso, dissipariam as identidades e, no que diz respeito às mulheres, estas, munidas de direitos iguais e inseridas no mercado de trabalho, dissolver-se-iam na massa; perderiam suas características femininas, dando lugar a mulher operária. Para Nietzsche, a igualdade entre os sexos traria a diluição destes, a mulher dotada de direitos iguais aos dos homens é a mulher que abandona sua feminilidade, em prol dos decadentes ideais modernos. Sob este ângulo, percebemos uma dupla via, pois, com esse pensamento, Nietzsche parece também defender a mulher no que toca sua identidade:

Acreditamos que seus escritos sobre mulher foram feitos em seus aforismos, metáforas, ditirambos e analogias como uma forma de afronto a ideia de igualdade que é um grande perigo para o pensamento da diferença. Pois, a ideia de mulher que busca a igualdade nos direitos dos homens, pode matar sua diferença, isto é, sua singularidade. O sexismo binário pode ser rompido para além do efeito masculino e feminino. Estes sexismos estancam o movimento, pois vivem dentro das teorias da ciência majoritária, da ciência política das identidades, portanto reforçando a essência.<sup>9</sup>

São os ideais modernos que Nietzsche pretende atacar, inserindo a mulher no contexto desta crítica. O que veremos, contudo, é a todo instante essa dupla via de ataque e defesa da mulher, pois insiste em colocar a mulher numa posição secundária entre os sexos e na sociedade, ao passo que abre portas ao perspectivismo de criação da identidade feminina a partir da própria mulher, indo

---

<sup>8</sup>SANTOS, Laura Ferreira dos; *Leituras Feministas de Nietzsche*; págs. 15, 16

<sup>9</sup>KRAHE, Inês Bueno; MATOS, Sônia Regina da Luz – *Devir-mulher como diferença* (2010), p.4



além do sexismo binário dialético de seu tempo, graças a sua noção de análise filológica, que primava pelo perspectivismo. Assim, mesmo suas próprias colocações sobre as mulheres não podiam implicar num fato sobre as mulheres, mas em sua postura diante delas.

Nietzsche falará, portanto das 'suas' verdades sobre a mulher. Pode ser que sejam apenas o reflexo do seu fatum espiritual granítico, do subterrâneo que fala nele não obstante ele próprio ou precisamente por causa dele próprio, mas são as 'suas' verdades, o que automaticamente as relativiza enquanto 'verdades'.<sup>10</sup>

Em suma, Nietzsche faz uma análise que deixará espaço para que possa inserir sua misoginia. O mundo é um texto, e cada cultura irá lê-lo de maneiras diferentes, criando discursos sobre o texto, de modo a substituir o texto pelo discurso, e então enxergando o discurso como o texto, isto é, a interpretação é tida como a realidade, e com isso fundam-se verdades para o mundo. Ao contrário do pensamento eurocêntrico, que julga as culturas a partir do progresso, da ciência, da razão (obviamente pondo a Europa no topo), Nietzsche classificará as culturas a partir de critérios como afirmação e negação da vida, deixando a Europa num lugar inferior. Nietzsche se coloca como médico da cultura europeia, diagnosticando os sintomas de sua doença, traçando o niilismo europeu como influência do pensamento de Platão, que se prolonga por toda a tradição filosófica ocidental, bem como a cultura europeia. Platão, Cristo, Descartes, Kant, Hegel, todos foram doentes da ideia de que há um mundo além deste (na ideia, no paraíso, na coisa em-si...), e que por isso este mundo deve ser inferiorizado, de que o homem deve ter cautela, deve desconfiar das aparências, deve, em suma, difamar este mundo em prol do outro, em prol da verdade. E quantas aspas cabem nessa verdade! Em nome da verdade, fixa e harmônica, apolínea, surge o homem regrado, sistêmico, desconfiado da vida, há algo de negativo na vida, no mundo, na existência. O símbolo da negação será Schopenhauer, cujo único mérito foi atacar a racionalidade como guia do homem, mas ao fazer isso depara-se com o nada e então nega a vida, reafirmando a compaixão diante do sofrimento.

---

<sup>10</sup>SANTOS, Laura Ferreira dos; Leituras Feministas de Nietzsche; p.16



Onde fica a mulher nesse contexto? Para Nietzsche, a mulher moderna é precisamente a que quer participar desses ideais de negação, a mulher negadora da vida, e portanto negadora da própria feminilidade. Através da igualdade e da mesma moral harmônica e niilista que se propagava na Europa oitocentista, Nietzsche enxerga também uma mulher decadente à medida que esta adquire direitos iguais, direitos estes inerentes a sociedade e moral decadentes.

A partir desta perspectiva, podemos encontrar uma ligação entre o pensamento e a misoginia de Nietzsche; para o filósofo, o niilismo europeu estava ligado a ideia de Ser, de essência, que nega a realidade do devir, da nuance. A ideia de Ser cria uma mentalidade sistêmica, a vontade de sistema, o método, a ciência. Para Nietzsche, o sistema é masculino, racional, pesado e profundo. Seu oposto será a arte, feminina, leve, suave, afetiva. Contudo, para o filósofo a mulher (principalmente na modernidade) não corresponde necessariamente ao feminino, pois tudo é devir e interpretação – não há fixidez entre mulher e feminino –, e, disto, Nietzsche encontrará espaço para seus preconceitos, suas verdades sobre a mulher.

## 2. A mulher e o feminino

Essas “suas verdades” sobre a mulher certamente tiveram voz e afetaram seu pensamento. Nietzsche interpretava o feminino associado à noção de verdade, no sentido de um jogo cheio de nuances, mas afastava o feminino da figura da mulher, isto é, para Nietzsche, a mulher e o feminino não necessariamente se correspondiam:

...no livro *Amante Marine* de Friedrich Nietzsche [Luce Irigaray], (...) Identificando as águas marinhas com a mulher e o seu útero gerador, Irigaray fala de um suposto afastamento de Nietzsche e Zaratustra destas águas, procurando as árvores e os picos das montanhas. Na sua obra, apresenta o eterno retorno do mesmo e *Übermensch* como formas de matricídio que negam o dom da vida que nos surge do lado da mulher-mãe. Mais ainda, as mulheres consideradas mais afirmativas em Nietzsche, com as quais se identifica, ao mesmo tempo em que as teme, como reconhece Derrida, são as mulheres-mães, de cujo poder procriativo se possa apoderar. Por isso, Diόνisos e Zaratustra representarão a capacidade de procriar, de engravidar e de dar à luz, mães masculinas ou fálicas que



nesse seu poder procriativo parece pretender rasurar ou colocar em lugar secundário o verdadeiro poder procriativo das mulheres.<sup>11</sup>

A ideia de “mãe fálica” representa bem, sob esta ótica, até que ponto a misoginia de Nietzsche esteve presente em suas ideias. Se uma dimensão artística da existência era necessária ao grande “sim à vida”, é para os homens que a referida dimensão é direcionada. Os homens abraçaram a ciência e o conhecimento técnico racional em sua busca pela verdade. A verdade, contudo, nada tem a ver com a razão e a sólida abordagem sistemática para Nietzsche, pelo contrário, a verdade é nuance, é um oceano longe de qualquer ilha sólida, um mergulho na liquidez, no feminino.

Nietzsche provoca: “Supondo que a verdade seja uma mulher – não seria bem fundada a suspeita de que todos os filósofos, na medida em que foram dogmáticos, entenderam pouco de mulheres?”<sup>12</sup>. Ao tentarem aprisionar a verdade/mulher dentro de um sistema, os filósofos perderam a dimensão do feminino, empobreceram a verdade, fabricaram-na “da costela de seu Deus”, falsificaram-na.

Para além do fato de estabelecer um masculino e um feminino – não confundamos com o conceito de “em-si” –, que denota na verdade um jogo metafórico em Nietzsche, o que o filósofo pretende é projetar no homem a emancipação dos valores vigentes, voltados para o sistema, o homem regrado, a ‘moral de rebanho’, e deslocá-lo para a dimensão feminina, desregrada, desafiadora, afetuosa, mas refinada; uma dança! “Corajosos, descuidados, zombeteiros, violentos – assim nos quer a sabedoria: ela é uma mulher, ela ama somente um guerreiro”<sup>13</sup>.

Seria para a forjadura do guerreiro que Nietzsche conclama o valor do feminino? De fato, todo o pensamento de Nietzsche parece se voltar para o nascimento de um novo tipo de homem, livre dos preconceitos morais, livre da moral propriamente, o homem criador, artista do mundo e de si mesmo. Mas apenas o homem; a mulher, como já visto, tinha um papel secundário para Nietzsche. Mas por que isso? Ao que parece, se eliminarmos a misoginia nietzschiana do contexto,

---

<sup>11</sup> SANTOS, Laura Ferreira dos; Leituras Feministas de Nietzsche; p. 26-27.

<sup>12</sup> NIETZSCHE, Friedrich – prólogo; Além do Bem e do Mal, p.7

<sup>13</sup> NIETZSCHE, Friedrich – do ler e escrever; Assim Falou Zaratustra, p.41



temos um pensamento quase feminista, isto é, considerando estes pontos: a) não existe verdade ou essência, tudo é devir e interpretação, logo, homens e mulheres não existem em si, são construções da cultura, portanto a mulher como inferior é mera ideia, preconceito, nunca uma verdade mesma. b) a divisão masculino/feminino, enquanto metáfora para um impulso niilista e um impulso afirmativo de criação, respectivamente, denotam o feminino como postura saudável em relação ao masculino, por sua vez sintoma de uma doença da cultura patriarcal européia e de culturas europeizadas subjetivamente. Logo, a dimensão feminina aparece como espécie de cura para a postura negativa diante da existência, o sim à vida e, uma vez que não existem homens e mulheres em si, ela é livre a todos os indivíduos.

Entretanto, há algo ainda a se considerar: o corpo. Talvez seja o corpo a desculpa filosófica de Nietzsche para engendrar a misoginia em seu pensamento, uma vez que, diante de suas ideias, ele próprio teria que admitir a mulher como símbolo de força, vontade de poder! Entretanto, a partir do corpo como prisma metafórico, Nietzsche pode ter colocado o homem como superior à mulher:

Pergunta-se, portanto: que corpo é este de que fala Nietzsche, ele que, por companheiros divinos, escolheu deuses masculinos – Apolo e Díonisos – que foram abertamente colocados do lado dos homens e não das mulheres, e que por companheiro escolheu Zaratustra, uma mãe fálica?<sup>14</sup>

Seria ingenuidade conceber que Nietzsche desse a mulher um papel secundário tomando o corpo como primado. Com efeito, o corpo é de extrema importância para Nietzsche, por várias vezes trata o filósofo também como fisiologista, e essa fisiologia prima pela saúde do corpo, isto é, a boa fruição dos corpos com o mundo, a vida pelos valores da terra, como coloca seu Zaratustra. No entanto

Convém, então, distinguir com cautela dois pontos de vista: a fisiologia concebida como explicação da verdade dos processos orgânicos e a fisiologia concebida como linguagem simbólica, como interpretação, isto é, necessariamente como falsificação, simplificação, assimilação, que busca dominar os fenômenos orgânicos, esse domínio sendo obtido, por fim, através da elaboração de uma representação desses fenômenos que são arrancados da esfera do misterioso e do absolutamente desconhecido. E é esse segundo ponto de vista, e apenas esse, que interessa a Nietzsche: é

---

<sup>14</sup>SANTOS, Laura Ferreira dos; Leituras Feministas de Nietzsche; p. 23.



preciso entender sempre sua “fisiologia” em relação ao paradigma fundamental da linguagem e da filologia, da qual ela constitui uma metáfora.<sup>15</sup>

O corpo, enquanto representação fisiológica, age também como fio condutor das representações, sendo ele fundamental na interpretação do mundo. Nietzsche faz uma metáfora a partir das representações orgânicas dos corpos masculino e feminino, reconhecendo no homem a esterilidade e na mulher a fertilidade, onde essa fertilidade estará diretamente ligada a seu projeto de espírito livre.

Em Nietzsche, a impressão que fica é de que o filósofo deseja, através do Übermensch, o homem de posse dos aspectos artísticos e criativos, de nuance; os aspectos femininos da existência, relativos à fertilidade, propondo o nascimento de uma nova cultura, pelos valores de força. Se Freud falava da inveja do pênis por parte da mulher – teoria extremamente misógina, aliás –, é dizível que Nietzsche sofreu o inverso, isto é, a “inveja do útero”, digamos. Seu Zaratustra, a mãe fálica, representa o homem dotado da fertilidade feminina – enquanto metáfora artística para a criação, o nascimento do novo –, em contraponto ao deserto masculino, sua esterilidade:

Quando uma mulher tem inclinações eruditas, geralmente há algo errado com sua sexualidade. Já a esterilidade predispõe a uma certa masculinidade do gosto; pois o homem é, permitam-me lembrar, “o animal estéril”.<sup>16</sup>

Talvez aqui fique clara a mistura entre o reconhecimento até de uma superioridade feminina e a misoginia do filósofo; para Nietzsche, a “masculinidade do gosto” é estéril, posto que as inclinações eruditas foram governadas por este gosto masculinizado. Embora possamos apontar o feminino como “criatividade” ou “fertilidade do gosto” – em oposição a esterilidade masculina –, postura totalmente nietzschiana, o próprio Nietzsche não cessa de criticar a mulher erudita como “algo errado com sua sexualidade”, ao passo que os homens poderiam licitamente ter inclinações a uma feminilidade do gosto sem nenhum problema, mas como elevação, como Zaratustra!

<sup>15</sup>WOTLING, Patrick – Nietzsche e o problema da civilização; o corpo como fio condutor, p.122

<sup>16</sup>NIETZSCHE, F.W – Além do Bem e do Mal – máximas e interlúdios, aforismo 144; p. 69-70



Em suma, ao separar a mulher do feminino, Nietzsche propunha uma crítica à mulher moderna, inclinada à esterilidade masculina, aderindo à massificação dos ideais modernos. O preconceito nietzschiano, com efeito, se dá a partir da ideia de que a imagem da mulher deve se submeter ao parto do homem superior, isto é, o homem guerreiro, o niilista ativo, que trata a vida como um jogo em vez de sucumbir ao nada, sendo este o criador da sabedoria; “a sabedoria: ela é uma mulher, ela ama somente um guerreiro”. A mulher aparece como ornamento do guerreiro, que joga com suas nuances, em vez de – como a cultura moderna – torná-la de gosto estéril, por isso ela ama o guerreiro, o debochador, o malicioso, nada da bondade e seriedade do homem erudito! Mas esse amor põe a mulher, como quer Nietzsche, numa posição secundária, ela se torna ornamento, sendo o homem – o guerreiro – o protagonista da existência...

Levaram um jovem a um homem sábio e disseram-lhe: “Veja, este é estragado pelas mulheres!”. O homem sábio agitou a cabeça e sorriu. “São os homens que estragam as mulheres”, disse ele, “e todas as falhas das mulheres devem ser expiadas e emendadas pelos homens, pois o homem cria para si a imagem da mulher, e a mulher se cria conforme essa imagem” – “você é muito brando com as mulheres”, disse um dos presentes, “você não as conhece!” O homem sábio respondeu: “A natureza do homem é a vontade, a da mulher, docilidade – assim é a lei dos sexos, uma lei dura para as mulheres, verdadeiramente! Nenhum ser humano é culpado de sua existência, mas as mulheres são duplamente inocentes: quem poderia ter suficiente brandura e unção para elas?”. – “Brandura! Unção!”, gritou um outro dos que lá estavam, “é preciso educar melhor as mulheres!” – “É preciso educar melhor os homens”, disse o homem sábio, e acenou ao jovem que o seguisse. – Mas o jovem não o seguiu.<sup>17</sup>

E não seria a mulher também *vontade*, vontade de poder, Nietzsche?...

## CONCLUSÃO

A divisão entre filosofia e misoginia em Nietzsche parece clara: em poucas palavras, não existe motivo algum além da misoginia para que o filósofo atribua ao homem uma importância maior que a mulher. Seu pensamento, no entanto, deixando a misoginia de lado, traz uma intensa valorização do feminino.

Frente aos valores modernos e democratas, a misoginia faz Nietzsche negar a mulher os direitos iguais e dar a ela um papel inferior na sociedade; por outro lado,

---

<sup>17</sup>NIETZSCHE, F.W – A Gaia Ciência; livro II, aforismo 68; p. 94,95.



a crítica aos valores modernos faz uma denúncia positiva às mulheres, reivindicando o valor das diferenças, abrindo espaço para a afirmação das mulheres enquanto mulheres, não enquanto “iguais aos homens”.

A crítica nietzschiana a ideia de essência dissolve as identidades como verdades e transforma-as em interpretações culturais; é a cultura que inventa o homem e a mulher, estes não existem em si. Com isso, Nietzsche dá o primeiro passo para uma discussão muito atual sobre gênero e identidade, suas reflexões a esse respeito podem ter sido o embrião da atual teoria *queer*, por exemplo. E seria apenas por preconceito que Nietzsche ainda enxergasse qualquer superioridade no homem, pois o cerne de seu pensamento indica o diverso, um fluxo de vontades e afetos que podem se manifestar de forma superior (artista, fértil) ou inferior (nihilista, estéril) e que, a rigor, qualquer indivíduo pode representá-los, independente de sua sexualidade.

A partir de seus valores, sua balança – o homem como vontade e a mulher como docilidade –, e das características orgânicas procriativas – o útero e a ausência do útero –, junto a sua misoginia, Nietzsche toma partido pela superioridade do “homem fértil”, ou da “mãe fálica”, como tipo de homem para uma cultura superior. É necessário afirmar que tomar qualquer partido, machista ou feminista, sobre uma fertilidade da cultura, implica num patriarcado ou matriarcado, isto é, a noção de superioridade de um dos sexos, pautada evidentemente em interpretações a favor ou contra um gênero sexual.

Nietzsche foi misógino, mas seu pensamento certamente não é machista nem feminista; com efeito, até prima por um espírito feminino nos indivíduos. O que é curioso em Nietzsche é que, mesmo exaltando os aspectos femininos, digamos assim, seus preconceitos o punham numa trama direcionada ao homem, não a mulher; o preconceito e a libertação do preconceito se entrelaçam na obra de Nietzsche. Ao criar seu “eterno feminino”, não como verdade, mas como foco interpretativo, Nietzsche tentava fixar uma imagem elevada: as mulheres deviam conservar essa feminilidade – e portanto não querer direitos iguais aos dos homens, rejeitando a esterilidade dos ideais modernos – ao passo que os homens deviam buscá-la – assim rejeitando também a esterilidade do ideais modernos.



Mas, justamente por *fixar*, Nietzsche recai em seus preconceitos, fixando-os também em seu discurso. A mulher ativa em sua feminilidade, o homem dominador, por se lançar ao feminino de modo a conquistá-lo num jogo eterno, como um guerreiro. Assim, Nietzsche tira da mulher, ou ao menos coloca em segundo plano, sua feminilidade – transformando-a em ornamento do homem.

Se o homem é o “animal estéril”, há de se convir que pela própria análise nietzschiana seria a mulher, e não o homem, a protagonista da existência, coisa que o filósofo fez questão de rejeitar.

Ele não queria admitir que o *Além-do-Homem* era a mulher...

## REFERÊNCIAS

KRAHE, Inês Bueno; MATOS, Sônia Regina da Luz – **Devir-mulher como diferença** (2010)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm – **A Gaia Ciência**; 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

----- **Além do Bem e do Mal** – Prelúdio a um filosofia do futuro; 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

----- **Assim Falou Zaratustra** – Um livro para todos e para ninguém; São Paulo: Companhia das Letras, 2011

SANTOS, Laura Ferreira dos; **Leituras Feministas de Nietzsche**, in: <[www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/download/30/31](http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/download/30/31) > acessado em 22/08/2014.

WOTLING, Patrick – **Nietzsche e o Problema da Civilização**; 1.ed. São Paulo, Editora Barcarolla, 2013.